

APROXIMAÇÕES ENTRE “VOX”, DE CHRISTINA DALCHER, E A REALIDADE

Paulo Silas Taporosky Filho¹

As abordagens feministas têm aparecido cada vez com mais frequência e ênfase no âmbito das artes em geral. Pudera, dado o sistema patriarcal que impera na sociedade, relegando o papel da mulher a um plano outro que se dá em nível inferior ao do homem. Não que obras literárias com perspectivas feministas sejam algo novo, constituindo uma espécie de fenômeno recente. Basta pensar no romance “A Terra das Mulheres”, de Charlotte Perkins Gilman, escrito originalmente há mais de século, para se ter apenas um exemplo sobre o desde quando a literatura é utilizada também como instrumento que supera o divertimento em si inerente dessa forma de expressão artística. Mas talvez seja correto dizer que, mesmo considerando o longo tempo em que as denúncias sobre esse sistema dominado pelos homens (e para os homens) se fazem presentes na narrativa ficcional, atualmente e mais recentemente é que obras nesse âmbito surgem com mais notoriedade, bem como em quantidade.

É nesse cenário contemporâneo que VOX, da autora Christina Dalcher, aparece: um universo distópico no qual as mulheres são subjugadas pela sociedade com o amparo e medidas enérgicas adotadas pelo governo. A questão mais gritante presente nesse enredo é a limitação da fala das mulheres. Tendo como base uma política ultraconservadora que se ampara em questões religiosas, a nação de VOX estabeleceu um número máximo de palavras que as mulheres podem falar por dia. Cem é o número limite. Apenas cem palavras ditas por dia é o que se permite às mulheres. Qualquer tentativa de ignorar essa imposição é vista como um ato subversivo que atenta contra a moral e os costumes ditos puros que regem a sociedade, acarretando em consequências cada vez mais severas contra aquelas mulheres que ousam ultrapassar essa limitação. As cem palavras é apenas um reflexo mais visível de toda uma estrutura que serve como palco e sustentáculo de uma sociedade em que a mulher é reconhecidamente relegada a segundo plano, com posição e funções predeterminadas e

¹ Mestre em Direito (UNINTER); Especialista em Ciências Penais; Especialista em Direito Processual Penal; Especialista em Filosofia; Pós-graduando (*lato sensu*) em Teoria Psicanalítica; Bacharelado em Letras (Português); Professor de Processo Penal e Direito Penal (UNINTER e UnC); Advogado; Membro Pesquisador do Grupo de Estudos em Direito e Literatura NEPEDILL (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Direito e Literatura Legis Literae) da UNIUBE; E-mail: paulosilasfilho@hotmail.com

específicas: cuidar do lar e dos filhos. Aos homens, e apenas esses, é que são atribuídos os papéis que poderiam ser considerados dignos, pois entendidos como sendo os cabeças responsáveis pelo zelo e avanço de toda a noção.

Esse ponto da dignidade – coisa considerada digna - aqui dito se dá em um aspecto positivo, fazendo-se necessário apontar de que modo a atribuição de sentido ocorre em “Vox”. Na distopia, o único papel permitido e conseqüentemente considerado digno à mulher é de esposa, mãe e dona de casa. E é justamente pelo fato de não se ter opção outra que a coisa se corrompe, ou seja, o problema não está no fato de ser esposa, mãe ou dona de casa, mas sim na imposição desses papéis. Sendo qualquer dessas ou todas juntas as opções uma escolha da mulher, respeitada estaria sendo sua autonomia, sua vontade, sua escolha. Mas não é assim que o universo de VOX opera, pois não há essa escolha, não há manifestação de vontade, não há espaço para qualquer tipo de questionamento, cabendo às mulheres acatar as limitadíssimas funções que lhes cabem. É em razão disso que pode se dizer que essas funções impostas são indignas, justamente por serem determinadas, arrebatando qualquer possibilidade de escolha daquelas contra quem se determina o cumprimento dessas, percebendo-se aí distinção entre o digno e o indigno que se estabelece na trama literária. A possibilidade de se ter uma carreira, um emprego, um ofício ou um afazer qualquer outro que não se limite a criar os filhos e limpar e manter a casa organizada é conferida apenas aos homens, pelo que se pode daí extrair que o trabalho nesse âmbito é enxergado (de fora) como sendo algo digno, enquanto que as funções caseiras assim o são como indignas. O problema é que ao considerar o viés ideológico que ampara essa sociedade (religioso ultraconservador), impede-se que esse problema seja constatado e compreendido enquanto: na visão do universo de VOX, as atribuições conferidas unicamente às mulheres são consideradas tão dignas quanto aquelas desempenhadas pelos homens, inexistindo qualquer sentido em questionar essa divisão de funções. A justificativa se dá na ordem do religioso, pois as escrituras que servem como amparo para a organização social da distopia determinam que assim seja feito. Como então questionar a vontade e os mandamentos de Deus? Se está estabelecido essa diretriz sobre os papéis a serem exercidos pelo homem e pela mulher, inconcebível julgar como indigna a função que assiste a cada qual.

É em meio a esse ambiente de imposição, para alguns velada e para outros como sendo a obediência necessária inerente da fé, que a protagonista da história dá vida à trama. A Dra. Jean McClellan vive a monótona (e ao mesmo tempo conturbada) vida de uma dona

de casa que cria os seus quatro filhos enquanto espera pelo marido todas as noites. Mesmo com sua titulação acadêmica, cuja formação ensejou em diversas pesquisas e contribuições para o campo da neurolinguística, sua vida mais ativa e profissional ficou no passado depois que o governo novo assumiu o comando da nação. A história se passa nos Estados Unidos sob o controle de um presidente que desde sua campanha eleitoral pregava um retorno aos bons costumes, a uma sociedade sem transgressões morais, a uma comunidade pura que estivesse sob os cuidados e amparo de um Deus anunciado por uma religião específica. Por mais que muitos desacreditassem que as mudanças anunciadas repercutiriam numa grande transformação do país, ensejando até mesmo em incredulidade sobre a possibilidade de êxito nas eleições, a vitória do presidente veio, e com isso uma série de mudanças extremas na própria constituição e definição a sociedade.

O livro inicia no momento em que as mudanças já aconteceram, de modo que há um choque sentido pelo leitor quando do contato com uma sociedade ficcional que aparece como sendo algo bastante longe, tão distante da realidade – justamente a razão de a obra ser considerada uma distopia. Um governo fundamentalista que impõe como limite cem palavras que podem ser ditas pelas mulheres, relegando ainda o papel dessas às funções caseiras (cuidar da casa e dos filhos), com o controle dessa limitação realizado através de uma pulseira que contabiliza as palavras diariamente ditas e dispara um choque da tentativa de romper com o máximo que se permite falar, é o mote que ampara o universo da obra. Esse é também é o ponto que faz com que a história pareça algo tão distante da realidade social na qual se situa o leitor. Porém, na medida em que a história avança, as similitudes – principalmente nas coisas de pequena monta – vão sendo apresentadas. Com o decorrer da leitura, o choque inicial muda em sua razão e seu sentido: o que de início causa estranheza pelo exagero de uma medida violadora dos direitos das mulheres, evidenciando com fulgor o caráter ficcional da história, passa a constituir uma espécie de assombro e perplexidade com as cada vez mais semelhanças do texto ficcional com a realidade. Daí que o choque permanece, mas tendo como base o fato de a história não mais parecer algo tão distante que se justifique chamar de ficção.

Dentre esses encontros possíveis que podem ser apontados, aproximando-se a ficção da realidade, estão a confusão que surge quando da indevida mistura da política com religião (o governo de VOX é regido tendo como base mandamentos de escrituras sagradas – a Bíblia -, repercutindo assim na imposição de dogmas religiosos como fossem supostas

representações da vontade do povo), a diminuição da importância de frentes e lutas pelos direitos das mulheres (os alertas e manifestações feitas por personagens da obra que são desacreditados ao serem consideradas como exageros, como alarmistas) e o fator linguagem operando no sentido de se estabelecer uma normalização de todas as drásticas mudanças operadas.

A questão do fator linguagem, dita aqui de modo amplo ao considerar o uso do termo, compreendendo-se quando do seu uso no discurso, talvez seja o elemento mais significativo da obra. Talvez não seja mera coincidência o fato de a autora Christina Vox ser linguista, tendo a titulação acadêmica de doutora nessa área, e a protagonista da história, Dra. Jean McClellan, também possuir formação acadêmica e profissional na área de neurolinguística. Esse elemento que une, intencionalmente ou não, autora e a personagem protagonista produz efeitos visíveis em toda a trama no fator linguagem. O discurso oficial do Estado em VOX opera no sentido de relativizar situações gritantes e violentas: o instrumento de tortura que as mulheres são obrigadas a utilizar em seus pulsos são minimizados em suas verdadeiras significações, recebendo o inofensivo nome de pulseiras, disponíveis inclusive em diferentes modelos para agradar os mais variados gostos e atender a uma demanda estética da nação, atribuindo-se por conseguinte, através da linguagem, uma outra representação para esse objeto que dispara choques elétricos naquelas mulheres que ousam romper com proibição da fala limitada, a saber, a de se tratar de um meio legítimo para fazer valer a vontade de Deus; manifestações de grupos feministas são tratadas como brados desprovidos de sentido e frutos de mulheres histéricas; uma espécie de sentimento de nostalgia é difundido com relação ao modo com o qual a sociedade era organizada no passado, com funções definidas e determinadas para homens e mulheres, atribuindo-se a partir de uma comparação com o cenário contemporâneo adjetivações negativas para aquilo em que a sociedade se transformou (antes das mudanças implementadas pelo governo fundamentalista) e positivas para aquilo que um dia foi, pelo que, com isso, invertem-se fatores axiológicos que dizem respeito aos avanços principalmente no âmbito dos direitos das mulheres.

Para além desse poucos exemplos mencionados, pode-se dizer que tantas outras são as semelhanças encontradas na obra com a sociedade da realidade do leitor, gerando uma sensação de estranhamento e incômodo. É por isso que a obra pode (e deve) também ser lida como denúncia, como alerta, como exposição de um problema que funda e paira sobre as

comunidades em geral no que diz respeito as questões de gênero. Sem prejuízo de outras possibilidades de leitura e interpretação que o livro enseja, a importância do voto – cujo direito conferido às mulheres somente se efetivou após um árduo e longo período de lutas – é um dos pontos de destaque que assim já foi apontado pela própria autora. Foi o processo eleitoral no universo de VOX, que se efetivou através do voto deliberado da pessoas, que levou ao poder um governo fundamentalista e repercutiu nas drásticas imposições extremistas sentidas na pele das mulheres que passaram a ser subjugadas de forma violenta e ao mesmo tempo leviana. VOX funciona assim como um romance que cativa tanto por seu enredo (mesmo com seu final fraco e decepcionante) quanto pelas mensagens diversas que carrega. A narrativa distópica segue o estilo *thriller*, repleta de eventos que culminam na constante presença da curiosidade atenta do leitor, o que faz com se queria avançar de uma vez só pelos diversos capítulos curtos que compõem a obra. É assim uma leitura leve e agradável, ao considerar a dinâmica e o estilo da escrita, e ao mesmo tempo pesada e incômoda, ao considerar a trama e as questões que na história são discutidas. Com acerto, portanto, que Christina Dalcher presenteia os leitores de distopias e de literatura feministas com essa grande obra.

REFERÊNCIAS

DALCHER, Christina. **Vox**. São Paulo: Arqueiro, 2018.